

Ilhas ao Largo

do Brasil de Alto Mar

estadao.com.br

CAPÍTULO 2 - FERNANDO DE NORONHA

"E quando tínhamos navegado bem 300 léguas pelo monstro do mar, estando já fora da linha equinocial para o austro bem três graus se nos descobriu uma terra, que podíamos distar dela 22 léguas; da qual nos maravilhamos; e descobrimos que era uma ilha no meio do mar, e era muito alta coisa, bem maravilhosa da natureza; porque não tinha mais que duas léguas de comprimento, e uma de largura; a qual ilha nunca foi habitada por gente alguma; e foi má ilha para toda frota; porque saberá V.M. que pelo mau conselho e ordem do nosso Capitão mor, perdeu aqui sua nave; porque deu com ela num escolho e a perdeu na noite de San Lorenzo, que é no dia 10 de agosto, e se foi ao fundo; e não se salvou dela coisa alguma, senão a gente"

Américo Vespúcio, Agosto de 1503.

CONTRA O VENTO E AS CORRENTES

Dorso verde e uma enorme pedra apontando o céu. Alta. Inconfundível. À ilha principal, a noroeste, seguem três ilhotas, alinhadas feito reticências, antecipando mais duas ilhas de abordagens hostis e mar agitado. Ao lado dos rochedos vulcânicos, uma baía de areia e calma oferece porto seguro. Chegar de barco no arquipélago de Fernando de Noronha - velas enfunadas, barulho monótono das ondas no casco - ainda se parece com a descrição legada por Américo Vespúcio, nas cartas escritas em 1503.

Mas as semelhanças desaparecem no fundear. A terra selvagem e generosa das palavras de Vespúcio só resguardou a beleza da orla marítima. Do desembarque em diante, a história dos homens a transformou profundamente. "...e com menos da metade dos meus marinheiros fui à dita Ilha, que distava cerca de 4 léguas; na qual encontrei um boníssimo Porto, onde bem seguramente poderiam surgir todas as naves; onde esperei o meu Capitão e a frota bem oito dias, e nunca vieram...a qual Ilha achamos desabitada, e tinha muitas águas vivas e doces, uma infinidade de árvores, cheia de tantos pássaros marinhos e terrestres, que eram sem conta; e tantos apanhamos, que carregamos um batel destes; animais nenhum vimos, salvo Ratos muito grandes e Lagartos com duas caudas, e alguma serpente; e feita a nossa provisão, fomo-nos pelo vento entre meio-dia e sudeste porque tínhamos uma ordem do Rei, que nos mandava, que qualquer das naves que se perdesse da frota, ou de seu Capitão, fosse ter à terra da viagem passada", Américo Vespúcio, agosto de 1503.



A ilha de "águas vivas e doces e uma infinidade de árvores" relatada em 1503 por Américo Vespúcio, hoje sofre com a seca durante boa parte do ano.

Quatrocentos e noventa anos depois, uma noite de chuva fria e dois dias seguidos de sol e vento após a partida de Recife, no litoral pernambucano, em outubro de 1993, Dom Silvano apontava a proa para Noronha. Dom Silvano é uma escuna de 40 toneladas e 60 pés, velha conhecida de muitos mergulhadores do Rio de Janeiro e São Paulo, porque operou durante 4 anos com turismo de mergulho na região de Parati, RJ. O barco carregava, na travessia até Noronha, 8 dos 9 integrantes do projeto "Segredos Submersos do Atlântico", que estiveram no Atol das Rocas, São Pedro e São Paulo e República de Cabo Verde (África), na mesma viagem.

O roteiro foi inverso ao de Vespúcio e da maioria dos navegadores do Século XVI. Na contramão, também, das atuais travessias do Atlântico, por veleiros de todo tamanho e origem. Contra os ventos alísios e contra as correntes oceânicas. E sem piloto automático. Os tripulantes do Dom Silvano sabiam que teriam sempre as ondas de frente, dias e noites de balanço mais forte, vigílias e revezamentos permanentes ao timão para percorrer, em tempo dobrado, a rota invertida. Mas preferiram navegar de fato a se deixar levar pela circulação marinha, que traz qualquer coisa flutuante da África para o Caribe.

Noronha foi a primeira escala, a 545 quilômetros de Recife. Lá, os navegantes dos anos noventa encontram exigências, papéis e esperas no lugar da ilha desabitada de Vespúcio. Ao chegar na Baía de Santo Antônio, Dom Silvano teve de aguardar 40 minutos e pagar adiantado as diárias de permanência, antes da liberação do desembarque. A exploração dos visitantes pelos esquemas fechados de turismo perturba a atmosfera paradisíaca de Fernando de Noronha. Quem chega pelo ar enfrenta passagens caras, acomodações precárias, superpopulação turística e, nos meses finais da estação seca (dezembro a fevereiro), constantes faltas d'água. Quem vem pelo mar escapa às pousadas baratas, mas topa com o desabastecimento da vila e arrisca a segurança dos pertences a bordo.

Só o mergulho em águas claríssimas e costões cheios de vida apaga a má impressão da terra. Por dois dias consecutivos, 30 a 40 golfinhos noronhenses (*Stenella longirostris*) acompanharam os mergulhadores do "Segredos do Atlântico", suspensos entre o azul cristalino do mar e o rápido reflexo do sol. Em bandos familiares, de pais e filhotes, exibem o corpo liso fora d'água, em voltas e parafusos acrobáticos, que lhes justificam o apelido de rotadores. Vinte e seis metros abaixo da linha do mar, nas ilhotas Dois Irmãos, o desfile de cores e tamanhos em profusão lembra a proximidade do Caribe. Águas mornas, superfície agitada, fundo tranquilo. Os grandes tubarões, tão frequentes nas conversas de bar dos noronhenses, não apareceram. No seu lugar alguns filhotes de galha-preta, de 1 metro, no máximo, e os desdentados lambarus ou papa-areia, os representantes mais inofensivos da família.

Na Baía de Sueste, em águas rasas, num jardim de algas, pequenos peixes e formações coralinas, moram as jovens tartarugas aruanãs (*Chelonia mydas*). Ali elas crescem até ter força e tamanho para se abandonarem às longas jornadas errantes dos oceanos. Rochedos escarpados abrigam ninhos dos alvos rabos-de-junco, pássaros brancos de longas penas flutuantes na cauda. No Portal da Sapata, ondas turquesa ecoam num arco de pura pedra, majestade eventualmente interrompida pelo vôo de fragatas e atobás. Longe dos olhares mais superficiais, debaixo d'água, o portal se repete, ponte submersa entre pedras e pedras, cercada de transparência azulada por todos os lados. Os

mergulhadores afundam oito metros para atravessar por baixo e emergem do outro lado, junto ao estrondo das vagas no paredão.



Na Sapata, rochedos em arco formam um portal submarino para mergulhadores.

Mais ao sul, a ilha principal avança mar adentro. É a Ponta da Sapata, que esconde uma caverna de larga entrada e estreita ascensão. Lanternas na mão, atentos à compressão e descompressão, os mergulhadores descem 16 metros, penetram na caverna e voltam a subir, por dentro da rocha vulcânica, até a superfície. Um bolsão de ar aprisionado na pedra espelha as luzes das lanternas. Entre o teto da caverna e a água, altura suficiente para por a cabeça para fora e experimentar uma estranha sensação uterina. A prudência e as regras do bom mergulho em cavernas recomendam não retirar o equipamento. O ar "aprisionado" em cavernas pode estar ali há anos e conter gases prejudiciais. Na Sapata há comunicação com o exterior, por uma fenda no diâmetro de um dedo, mesmo assim, o risco existe.

A dez milhas dali (18,5 quilômetros), já ao largo de Noronha, a caminho do Atol das Rocas, o Dom Silvano parou para um mergulho no alto-fundo Drina, de 56 metros de profundidade. Alto-fundo é o topo de uma montanha ou planalto

submarino, que não aflora. No Drina, o fundo é de areia e pequenos corais de várias espécies indicam uma colonização mais ou menos recente. Poucos peixes circulam. Após coletar algas e areia para estudos, os mergulhadores lutaram contra a correnteza de 1,5 nós para voltar ao barco. Um bom nadador atinge, no máximo, 2 nós. Nadar contra uma correnteza assim forte é como fazer exercícios numa esteira rolante: cansa-se muito, sem sair do lugar.

De volta a bordo, a travessia para o Atol é retomada, desta vez sem espetáculos. Na viagem anterior, a bordo do Iemanjá, a saída de Noronha reservou aos tripulantes uma enorme surpresa: do meio de uma parede de água de dois metros, dessas que só as ondas de alto mar formam, brotaram inesperados mais de cinqüenta golfinhos cinza-escuros, grandes, 2 a 3 metros de comprimento, rápidos, muito mais rápidos do que as mãos dos fotógrafos. Num instante desapareceram, sem rastros, senão os impressos no olhar estupefato e deliciado dos navegadores.

NATUREZA EXUBERANTE E SUPERLOTAÇÃO À VISTA

O infinito movimento das ondas esculpiu e pajeou um delicado equilíbrio nos dezenove quilômetros quadrados emersos de pedras negras, corais e solo vulcânico. Clima perfeito, sol equatorial, temperatura constante - nunca abaixo dos 18°C, nunca acima dos 31°C. Os ventos alísios sopram de Sudeste nove meses por ano. Incansáveis, moldam à sua vontade a inclinação das árvores e refrescam a vida dos animais de sangue quente. O Arquipélago de Fernando de Noronha, com dezesseis ilhotas e rochedos em torno da ilha principal, não passa do segmento mínimo de um vulcão extinto há mais de 20 mil anos. A beirada ínfima de uma antiga cratera submersa de 200km de diâmetro, cuja base repousa a 4 mil metros de profundidade, numa fratura transversal da cadeia de montanhas submarinas Dorsal Médio Atlântica.

Ao longo dos séculos, o isolamento do continente e a proteção dos rochedos contra os perigos do mar aberto, atraíram inúmeros seres marinhos. Das águas rasas e transparentes fizeram eles seu território de reprodução e moradia. Os mais notáveis são os golfinhos rotadores (*Stenella longirostris*), que freqüentam a Enseada do Carreiro de Pedra, no lado oeste da ilha principal. São de uma espécie pouco comum - encontrada apenas no Havaí - e vivem em bandos de 8 até 60 indivíduos. Antes do primeiro navegante pousar os olhos sobre a ilha, a enseada já havia sido adotada pelos golfinhos para o descanso diurno. Lá, as mães amamentam seus filhotes e todo grupo recupera forças para a pesca noturna, em águas profundas, onde os cardumes de peixes são encurralados contra paredões por meio de manobras coordenadas.



Espojas de diversas espécies assumem formas curiosas, como este "vulcão", aqui visitado por um sargentinho.

Aos poucos, colecionando milhares de anos e acasos, também as terras do arquipélago foram povoadas. Flora e fauna estabeleceram-se e estabilizaram. Algumas espécies evoluíram para sobreviver e tornaram-se únicas no mundo. São endêmicos de Noronha: o pequeno lagartinho *Mabuya maculata*, habitante das pedras debruçadas sobre a Praia do Sancho; a "cobra" de duas cabeças (*Amphisbaena ridleyana*), na verdade um lagarto de membros atrofiados e vida subterrânea; o curioso sebito (*Vireo gracilirostris*), um pássaro que arrisca o pescoço por uma espiada nos visitantes da Ponta da Sapata; a

esperta cucuruta (*Elaenia spectabilis ridleyana*), avezinha de topete espetado e hábitos recatados e ariscos; o caranguejo terrestre (*Geocarcinus lagostoma*), a mesma espécie encontrada na Ilha da Trindade.

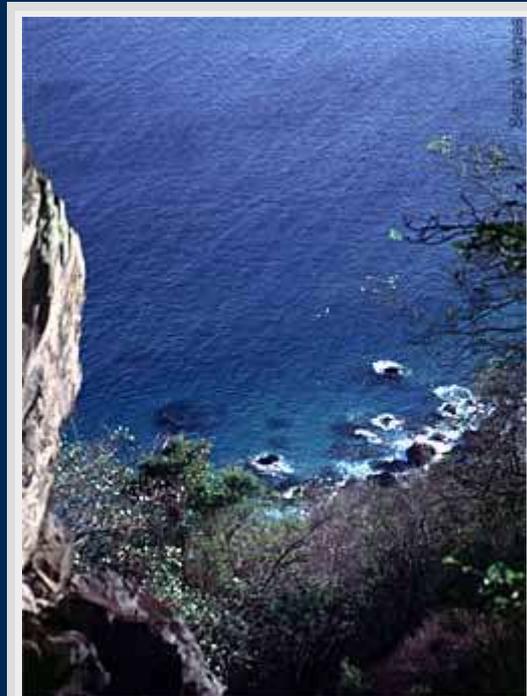
Existem ainda sub espécies exclusivas do arquipélago, como as pombas de arribação ou arribações (*Zenaida auriculata noronha*), sempre na mira dos ilhéus para compor o cardápio. O excesso de caça de arribações, na história de Noronha, tirou a espécie da lista de fauna abundante e a colocou no rol das demandas por proteção. E foi assim com as lagostas, antes ao alcance da mão desarmada. E foi assim também com as tartarugas verdes (*Chelonia mydas*), que há décadas subiam às centenas para a desova noturna na Praia do Leão e agora estão na casa das dezenas. Idem com as tartarugas de pente (*Eretmochelis imbricata*) e cauanã (*Caretta caretta*) E a mesma história vem se repetindo com os caranguejos terrestres, abundantes nas ilhotas de maior altitude e já escassos na ilha principal. A carne desses crustáceos tem sabor de lagosta, mesmo se preparada às escondidas (como a própria lagosta), de maneira precária, nas pousadas familiares, que proliferam dentro e fora da Vila dos Remédios.

À predação direta do homem, somou-se a introdução de animais, que romperam definitivamente o equilíbrio do paraíso. O lagarto teiú foi importado do sertão nordestino para acabar com os ratos, por sua vez viajantes clandestinos nas cargas de gêneros alimentícios. Na ilha, o teiú preferiu manter uma dieta de ovos e aves marinhas. E tal estrago causou, que apagou da paisagem a profusão de pássaros registrada por Américo Vespúcio e Charles Darwin, em suas visitas de 1503 e 1832, respectivamente. Antes do lagarto, alguns gatos domésticos também foram soltos e retomaram o comportamento selvagem, com sérias baixas entre as aves.

Como os ratos, números insetos, pragas e fungos vieram (e continuam vindo) de contrabando nos gêneros alimentícios. Hoje atacam a agricultura local. Jitiranas dominam a vegetação, abafam a mata nativa e destroem árvores enfraquecidas. A única sub espécie vegetal endêmica, o majestoso mulungu de flores douradas (*Erythrina velutina*) resistiu mal aos cortes sistemáticos. No tempo dos presídios, sua madeira era a preferida

para as jangadas de fuga e, por isso, todos os mulungus de grande porte eram eliminados.

Espalhados pelo território, restos de óleo queimado, ferro velho e lixo invadiram os cenários durante bons anos. Obras sem avaliação de impacto ambiental agrediram e ainda ameaçam causar danos maiores aos frágeis ecossistemas insulares. Desmatamentos realizados no topo dos penhascos da Praia do Sancho provocaram excessiva infiltração de água. A terra cedeu, as árvores da encosta enfraqueceram e caíram.



Rochedos escarpados são o refúgio das aves da ilha, ameaçadas por lagartos predadores de ninhos.

O açude do Xaréu, que abastece a ilha principal com água de beber, acabou construído acima do único mangue de ilha oceânica do Atlântico. As encostas de terra do açude permanecem sem vegetação. Nuas, sofrem erosão. A cada chuva, o solo escorre, o mangue se turva e, aos poucos, é aterrado. Já restam apenas árvores adultas, sem plantas jovens, sem sinais de renovação. O lixo dos turistas e pescadores completa o lento sufocar e pequenos incêndios ainda encurtam a sobrevida do precioso berçário de peixes e seres marinhos.

No Atalaia e no Buraco da Raquel, as piscinas naturais escaparam ilesas da pressão humana. Por enquanto. Contida por corais e recifes, a transparência das águas devassa esconderijos de peixes coloridos e abrigos de polvos, arraiais e cações, todos filhotes, como num aquário de miniaturas marinhas. O mergulho de snorkel foi proibido, mas ainda é preciso estar atento ao manejo dessas amostras da riqueza do mar de entorno. Não há futuro sem o bom senso dos turistas e o controle permanente do acesso de gente. Em parte da ilha principal e na maioria dos

pontos de mergulho mais frequentados, existe um certo controle, desde a criação do Parque Nacional Marinho, em 14 de setembro de 1988, através do decreto nº 96.693. Em 13 de dezembro de 2001, juntamente com o Atol das Rocas, o arquipélago foi declarado Sítio do Patrimônio Natural Mundial pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco).

Embora estes títulos invoquem proteção e muito se tenha investido no arquipélago, além de existir um trabalho de avaliação da capacidade de suporte dos ecossistemas terrestres e marinhos, Fernando de Noronha nunca conheceu o bom senso. Basta medir pela migração recente: no censo de 1970, Noronha tinha 1.241 habitantes; dez anos depois, em 80, só haviam 23 pessoas a mais, mas o censo de 91 computou 1.686 habitantes oficiais e o de 2000, um total de 2051 residentes. Um crescimento de 62% nos últimos 20 anos, sem contar a população flutuante embutida, de familiares dos ilhéus, que chegam para ajudar na temporada turística e nem sempre partem, embora declarem residência no continente.

O fluxo de migrantes piorou depois de 1990, quando as imagens de praias desertas e águas cristalinas povoaram as telas de televisão de todo o país, nas minisséries Canto das Sereias, da rede Manchete, e Riacho Doce, da Rede Globo. Ao hotel para 100 turistas, somaram-se mais de 30 pousadas, com mais 300 acomodações, mesmo assim insuficientes para o excesso de visitantes. Alheios à recomendação da Organização

Mundial de Turismo, que avalia em 180 turistas diários a capacidade de bom atendimento em Noronha, ilhéus e agências condenam o próprio futuro ao colocar em risco o que ainda resta de belo e selvagem no arquipélago, em que pesem os esforços redobrados de organizações não governamentais e dos administradores do Parque Nacional Marinho em gerir esta superlotação.

PASSADO DEVASTADO, FUTURO INCERTO.

Ilha da Quaresma. o primeiro nome, trouxe má sorte. Descoberto oficialmente pela expedição portuguesa comandada por Gonçalo Coelho, em 1503, o arquipélago de Fernando de Noronha entrou para a história da navegação logo com um naufrágio. A nau capitânea bateu num escolho e foi ao fundo. O comandante pediu a Américo Vespúcio, que fosse à ilha principal buscar provisões. O florentino, que deu nome às Américas, fundeou na Baía de Santo Antônio, encheu os olhos com a vegetação exuberante e o barco com pássaros e água fresca. Mas aguardou em vão as outras naus. Ao fim de 8 dias, Vespúcio desistiu de esperar e dirigiu-se à costa brasileira. Descobriu um porto, nomeado Bahia de Todos os Santos, seguiu para São Vicente, em São Paulo, e retornou a Lisboa em 1504, depois de construir uma fortificação, deixar ali 24 homens, e encher a nau de pau-brasil.

Noronha passou a constar nas cartas de navegação e, mesmo sem porto, tornou-se ponto relativamente estratégico nas rotas de comércio, para descanso e suprimento de água e madeira. Em 16 de janeiro de 1504, Dom Manuel, rei de Portugal, a doa a Fernão de Loronha, fidalgo português, que viria a estabelecer-se como comerciante de açúcar em Pernambuco, sem nunca tomar posse de sua "ilha de São João, que está sessenta léguas ao mar do Cabo de São Roque da terra do Brazil", conforme os livros da Torre do Tombo, em Portugal. O tempo abasileirou o nome do donatário ausente: Fernão de Loronha virou Fernando de Noronha, e assim permaneceu.



Os ventos alíseos sopram na mesma direção durante meses, moldando a forma das árvores.

Não sem alguns apelidos temporários, de acordo com os usos de suas terras. No século XVII, corsários e piratas teriam ali esconderijos e sua base de abastecimento, ou, pelo menos, assim dizem as lendas dignas de uma autêntica ilha do tesouro. Correm ainda versões da localização do tesouro do capitão Kidd, que estaria numa gruta, cuja entrada se oculta na projeção da sombra dos 323 metros do Morro do Pico, ao meio dia do 13 de janeiro. Na parede esquerda da gruta, um enorme K, de Kidd, substitui o tradicional X dos mapas. Muitos procuraram ouro, prata e baús, sem nunca achar nada.

Além dos piratas, os holandeses e franceses tomaram Fernando de Noronha. Os holandeses a ocuparam por dois períodos de três anos - em 1626 e 1646 - e deixaram uma fortificação. Os franceses estabeleceram um posto da Companhia Francesa das Índias Ocidentais, riscaram o nome português das cartas e adotaram *Isle Dauphine*, em homenagem aos golfinhos. Portugal acabou com a festa em 1737, apontando os canhões de uma fragata real com 250 homens. Os franceses não resistiram e Portugal passou a manter uma guarnição de 30 soldados, trabalhando na construção de 17 fortes, numa obra de 40 anos de duração.

No final do século XVIII, Noronha recebeu os primeiros presos da monarquia, reputados como os mais terríveis criminosos do sertão nordestino. Aí ganhou fama de Ilha do Diabo,

pelas barbaridades cometidas contra os degredados. Entre si, os sertanejos a chamavam *Fernandi* e só a menção a ela fazia os homens comuns tremerem. Reza uma dessas histórias de bar, que um agricultor pacato acabara de receber o pagamento e entrou numa venda para comprar mantimentos. Quatro bêbados o intimaram a pagar uma rodada e logo o agricultor percebeu onde a conversa ia parar. Num reflexo rápido, ele tirou a peixeira da cinta, cravou no balcão e clamou: "Valha-me Nossa Senhora dos Remédios, passei 15 anos em *Fernandi* e estou vendo que vou voltar pra lá". A venda ficou deserta em segundos e o agricultor fez as compras sem ser importunado.

Já nesta época, os maiores mulungus - árvore frondosa de flores douradas e madeira leve - eram cortados para evitar a fabricação de jangadas e a fuga dos presos. A prática se estendeu aos outros períodos em que Noronha voltou a ser presídio, agora político - em 1937, durante o Estado Novo, e em 1964, com o golpe militar. E não foi a única devastação realizada em nome da segurança. No passado, em 1817, o revolucionário pernambucano José de Barros Falcão de Lacerda comandou dois navios, enviados a Noronha para conseguir a adesão das tropas locais. Os navios voltaram carregados com os soldados adesistas e os degredados. O capitão usou, então, a tática de "terra arrasada": as plantações foram queimadas, os animais mortos e jogados nas cisternas para putrificar a água, as fontes foram destruídas. Tudo, para evitar o abastecimento dos legalistas. A tática de Falcão de Lacerda de nada lhe valeu: ao regressar, a revolução havia sido dominada, ele foi preso e os soldados e degredados se dispersaram ao chegar no porto.

Logo *Fernandi* retomou o ritmo do isolamento. Para os carcereiros e guardas, servir em Noronha também significava degredo. Nem notícias regulares recebiam do continente. A Independência do Brasil, por exemplo, só chegou à ilha em 1823, um ano depois do grito do Ipiranga. O capitão de um navio, que passava ao largo, estranhou a bandeira portuguesa hasteada no Forte dos Remédios, desembarcou para dar a notícia da Independência e ainda cedeu a bandeira brasileira de bordo.



Alguns tubarões "papa-areia" assustam os mergulhadores mais inexperientes, que os confundem com espécies mais agressivas.

Séculos seguidos de tamanho isolamento - mais os desmatamentos anti-fuga e a superexploração dos recursos naturais - transformaram a paisagem de Noronha. Arbustos tomaram o lugar dos majestosos mulungus; trepadeiras introduzidas na ilha abafaram as árvores e cobriram matas inteiras; os rios perenes secaram e agora só correm na estação das chuvas. Noronha perdeu a capacidade de abastecer e virou pedinte, demandando do continente até a água de beber, que fartamente enchera os tonéis das naus do passado.

As ocupações modernas - dos ilhéus e militares brasileiros ao longo deste século e dos americanos nos anos 40 e 60 - foram obrigadas a se adaptar ao ambiente terrestre degradado. Construíram tanques com captação de água de chuva numa grande laje de concreto. Suficiente para assegurar o abastecimento dos americanos durante todo o ano. Bastante para presidiários e carcereiros. Mas obsoleto para acompanhar o ritmo da migração recente das famílias de ilhéus, atraídas pelo turismo sem planejamento. A confusão administrativa do final dos anos 80 e início dos 90 abriu a brecha para oportunistas e o inchaço urbano fugiu ao controle. Surgiram favelas e cortiços tomaram as ruínas de prédios históricos.

Até 1987, Fernando de Noronha estava sob o estrito comando dos militares. Naquele ano, veio o primeiro governador civil, Fernando César Mesquita, jornalista e amigo do então presidente José Sarney. Ele modernizou, adotou medidas saneadoras, deu casas pré-

fabricadas aos moradores, mas colheu reveses políticos, por ter usado dinheiro do Fundo Nacional de Participação. Em 1988, a Assembléia Constituinte extinguiu os territórios federais e devolveu o arquipélago a Pernambuco. Em setembro, foi aprovado o Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha, que procura proteger legalmente as riquezas naturais, que escaparam aos homens ao longo da História, com seus 9.300 hectares - 10% de área terrestre e 90% marinha. O reconhecimento como Sítio do Patrimônio Natural Mundial, pela Unesco, em 2001, trouxe nova injeção de esperança contra a derrota do paraíso. Se bem-sucedida só o tempo vai dizer.